

A
FO
GUE
IRA

KRYSTEN RITTER

TRADUÇÃO RYTA VINAGRE

FÁBRICA231

Prólogo

No meu último ano do ensino médio, quando Kaycee Mitchell e as amigas dela adoeceram, meu pai teve um monte de teorias.

– Essas meninas não prestam – disse ele. – Só dão problema. – Ele tomou como questão de fé que elas estavam sendo castigadas. Para meu pai, elas mereciam.

Kaycee foi a primeira. Fez sentido. Ela foi a primeira a fazer tudo: perder a virgindade, experimentar um cigarro, dar uma festa.

Kaycee andava à frente das amigas como um lobo alfa liderando a alcateia. No refeitório, decidia onde se sentar, e as outras a seguiam; se ela comesse o almoço, as outras comiam também; se movesse a comida de um lado para outro na bandeja ou só almoçasse um saco de balas de goma Swedish Fish, as amigas faziam o mesmo.

Misha era a mais cruel e a mais barulhenta delas.

Mas Kaycee era a líder.

E então, quando ela adoeceu, nós, as veteranas da Barrens High, não ficamos apavoradas, nem perturbadas, nem preocupadas.

Só tivemos inveja.

No fundo, cada uma de nós torcia para ser a próxima.

Aconteceu pela primeira vez no debate do quarto tempo de aula. Todo mundo tinha de participar de eleições simuladas. Kaycee passou pelas três rodadas de eleições primárias. Era fácil acreditar nela no papel de política, convincente e de raciocínio rápido, uma mentirosa de talento; nem mesmo sei se Kaycee sabia quando estava dizendo a verdade e quando mentia.

Ela estava na frente da sala, fazendo um discurso de comício político, quando de repente foi como se tivessem cortado o fio que ligava a voz à garganta. A boca ainda se mexia, mas o volume fora desligado. Não saía palavra nenhuma.

Por alguns segundos, pensei que havia alguma coisa errada *comigo*.

E então, as mãos dela agarraram o púlpito, e seu maxilar ficou petrificado, aberto, como se ela estivesse entalada, gritando em silêncio. Eu me sentava na primeira fila – ninguém mais queria aqueles lugares, então eu podia ficar com eles –, e ela estava a pouca distância de mim. Nunca vou me esquecer dos olhos dela: como se de súbito fossem transformados em túneis.

Derrick Ellis gritou alguma coisa, mas Kaycee o ignorou. Eu podia ver sua língua por trás dos dentes, um pedaço de chiclete branco acomodado ali. Alguns riram – devem ter pensado que era uma brincadeira –, mas eu não.

Fui amiga de Kaycee, uma grande amiga, quando éramos mais novas. Aquela foi a segunda vez na vida em que a vi demonstrar medo.

As mãos dela começaram a tremer, e foi quando todo o riso parou. Todo mundo ficou em silêncio. Por um bom tempo, não houve som nenhum na sala, só o anel de prata que ela sempre usava batendo ruidosamente no púlpito.

E então, o tremor subiu por seus braços. Os olhos giraram para trás e ela caiu, derrubando o púlpito.

Lembro-me de ficar de pé. Lembro-me das pessoas gritando. Eu me lembro da sra. Cunningham de joelhos, levantando a cabeça de Kaycee, e alguém gritando que a impedissem de engolir a própria língua. Alguém correu para chamar a enfermeira. Outra pessoa chorava; não lembro quem, só me lembro do som, um lamento desesperado. Estranhamente, só consegui pensar em pegar as anotações dela, que tinham caído, e colocá-las em ordem, cuidando para alinhar os cantos.

Foi quando, repentinamente, passou. Parecia que o espasmo tinha saído de seu corpo, como uma maré baixando. Ela abriu os olhos. Piscou e se sentou, parecendo um tanto confusa, mas não contrariada, ao ver todos nós reunidos em volta dela. Quando a enfermeira chegou, ela parecia ter voltado ao normal. Insistiu que foi só uma fraqueza, porque não havia comido. A enfermeira retirou Kaycee da sala de aula,

e o tempo todo ela olhou para nós por cima do ombro, como quem quer ter certeza de que todos a viam sair. E nós olhamos – é claro que sim. Ela era o tipo de pessoa que você não conseguia deixar de olhar.

Todos nós nos esquecemos disso. Ou fingimos esquecer.

E foi então, três dias depois, que aconteceu outra vez.

Capítulo Um

A State Highway 59 passa a se chamar Plantation Road três quilômetros depois da saída para Barrens. É fácil perder de vista a antiga placa de madeira, mesmo naquele ambiente sem cor. Anos atrás, nas viagens pela estrada de Chicago a Nova York, eu conseguia passar por ali sem ansiedade nenhuma. Prenda a respiração, conte até cinco. Solte o ar. Deixe Barrens prudentemente para trás, nenhuma sombra correndo da mata escura para me estrangular.

Este era um jogo que eu costumava fazer quando criança. Sempre que tinha medo ou precisava ir ao antigo galpão no quintal à noite, desde que eu prendesse a respiração, nenhum monstro, assassino com machado ou figura deformada dos filmes de terror poderia me pegar. Eu prendia a respiração e corria a toda até os pulmões estourarem e eu me encontrar a salvo em casa com a porta trancada. Até ensinei esse jogo a Kaycee quando éramos crianças, antes de começarmos a nos odiar.

É constrangedor, mas ainda o faço. E ele funciona.

Na maioria das vezes.

Sozinha, trancada em um banheiro de posto de gasolina, lavo as mãos até a pele rachar, e um filete de sangue escorre pelo ralo. É a terceira vez que lavo minhas mãos desde que atravessei a divisa para Indiana. No espelho sujo acima da pia, meu rosto está pálido e deformado, e as lembranças de Barrens brotam novamente como flores tóxicas.

Esta foi uma má ideia.

Abro a porta do banheiro e estreito os olhos para o sol matinal quando volto a meu carro.

Na saída da rodovia, passo por uma carcaça de cervo zumbindo de moscas, sua cabeça ainda intacta, o que seria improvável, e era quase bonita, de boca aberta em um último suspiro. Impossível dizer se foi atropelado por um carro ou atingido por uma bala. Em geral, os animais recém-atropelados são recolhidos por algum matuto, carregados para um defumador e transformados em carne seca. Atropelei um cervo com meu velho Ford Echo quando tinha 17 anos; ele foi recolhido antes de mim. Mas neste cervo, por algum motivo, ninguém mexeu.

A caça esportiva é uma atividade importante em Barrens – a principal atividade, na verdade. Está embutida na cultura. Se é que se pode chamar assim. A temporada de caça só é aberta oficialmente no inverno, mas todo ano os garotos escapolem com um engradado de cerveja, uma lanterna e as armas dos pais para observar um macho grande ou olhar algumas corças pastando. E depois de algumas cervejas, eles atiram onde conseguem fazer mira.

Meu pai costumava me levar para caçar; nossas atividades de vínculo entre pai e filha em geral envolviam uma ida ao taxidermista. Cabeças de cervo, coiete e urso enfeitavam as paredes de nossa casa como troféus. Ele me ensinou a pisar nos faisões que ele abatia enquanto quebrava seu pescoço com uma só mão. Lembro-me dele irritado quando chorei pelo primeiro cervo que o vi matar, lembro que ele me obrigou a colocar as mãos em seu corpo ainda quente, o sangue saindo pulsante do buraco pelo qual se esvaía sua vida em ondas. “A morte é linda”, disse ele.

Antigamente minha mãe era linda também, até que o câncer ósseo fez o seu trabalho. Mastigou seu cabelo, esculpiu o corpo em uma casca de músculos e ossos, levou-a célula por célula. Depois de sua morte, meu pai me disse que esta era a bênção definitiva e que devíamos ficar agradecidos, porque o Senhor a havia escolhido para fazer parte de seu rebanho no paraíso.

Saí da Plantation Road e peguei a Route 205, que por fim vira a Main Street, fortemente atingida pelo cheiro de esterco de vaca no calor. Estamos em meados de junho, no fim do ano letivo, mas parece o auge do verão. Campos castanhos sob o sol. Mais um quilômetro e

meio adiante, passo por uma placa nova em folha: *Bem-vindo a Barrens, 5.027 habitantes*. Da última vez em que estive aqui, dez anos atrás, a população não chegava a metade disso. A Main Street é de fato a rua principal, mas, mesmo em um trecho de quatorze quilômetros, três carros que passam já são um trânsito intenso.

Conto os postes telefônicos. Conto os corvos que se balançam na fiação. Conto silos ao longe, dispostos como punhos. Transformo minha vida em números, em uma contagem. Por dez anos, morei em Chicago. Sou advogada há três. Depois de seis meses em uma firma particular, consegui um emprego no CTDA, o Centro para Trabalho em Direito Ambiental.

Tenho um futuro, uma vida, um apartamento clean e iluminado no Lincoln Park, com dezenas de prateleiras de livros e nem uma única Bíblia. Fiz amigos nos bares e boates do centro de Chicago, onde os drinques têm ingredientes como lilás e clara de ovo. Agora eu *tenho* amigos, ponto final – e namorados, se é que eles podem ser chamados assim. Quantos eu quiser, sem nome e indistinguíveis, chegando e saindo de minha cama e de minha vida, segundo meus próprios termos.

Na maioria das noites, nem tenho mais pesadelo nenhum.

Por muitas vezes, jurei que jamais voltaria à minha cidade. Mas agora tenho alguma experiência. Qualquer livro de autoajuda no mundo lhe dirá que você não pode fugir de seu passado.

Barrens tem raízes em mim. Se eu quiser que desapareça para sempre, precisarei arrancá-las.

MAIN STREET. O QUE ANTIGAMENTE era a capela – uma construção de concreto térrea sem janela nenhuma, aonde íamos aos domingos até meu pai decidir que o pastor interpretava as escrituras como queria, particularmente enfurecido por ele parecer frouxo demais com “os gays” –, agora é uma lanchonete White Castle. A biblioteca aonde minha mãe costumava me levar para a hora da história quando criança agora exhibe uma placa do Johnny Chow’s Oriental Buffet. Quando fui criada aqui, praticamente não havia nenhum restaurante com mesas.

Mas muita coisa continua igual: a luz néon do bar VFW ainda oscila e a Mel's Pizza, aonde às vezes eu ia de bicicleta para comer uma fatia depois da escola, ainda produz suas pizzas. Tanta coisa parece ter saído intacta da memória – o Jiffy Lube Pit Stop, a Jimmy's Auto Parts Supply, a sex shop decadente, que antigamente era do pai de Kaycee Mitchell. Talvez ainda seja, até onde sei. Mas a Temptations tem um telhado novo e uma placa elétrica também nova. Então, os negócios andaram prosperando.

Vejo um corvo em um fio telefônico, e outro se aninha mais adiante. *Um corvo para a tristeza, dois para a alegria...*

Passando da Main Street, nada mais parece o mesmo: edifícios residenciais novos, uma Jennifer Convertibles, um restaurante italiano anuncia na vitrine um bufê de saladas. Tudo é desconhecido, a não ser pelo ferro-velho e, um pouco depois dele, o cinema drive-in. Local de muitas festas de aniversário com a garotada da escola dominical e até de um Dia de Ação de Graças deprimente logo depois que minha mãe foi enterrada. O lugar que fez a nossa fama, anterior à chegada da Optimal Plastics.

Mais corvos empoleirados em uma torre. *Três, quatro, cinco, seis. Sete para um segredo, jamais a ser revelado.* Uma revelação de corvos.

Voltar me dá aquele aperto no peito e nó na garganta. Seguro o volante com mais força. No primeiro sinal vermelho – o *único* sinal vermelho em Barrens –, prendo a respiração e fecho os olhos. *Agora estou no controle.*

O cara atrás de mim buzina: o sinal ficou verde. Piso no acelerador com certa força e disparo à frente no cruzamento. Quando uma conhecida placa laranja faísca em minha visão periférica, sinalizo sem pensar que vou virar e dou uma guinada para o estacionamento do Donut Hole – este, como o cinema drive-in, totalmente inalterado.

Desligo a ignição. Fico sentada em silêncio. Depois de alguns segundos sem ar-condicionado, fica aflitivamente quente. Deve estar uns 27 graus – muito mais quente do que em Chicago. O ar é pesado e sufocante de umidade. Luto para tirar a jaqueta de couro e pego a bolsa no chão do lado do carona. Bem que eu podia beber água.

Enquanto abro a porta do carro, um Subaru azul encosta do meu lado, pisando no freio no último segundo e me assustando. O motorista buzina duas vezes.

Saio do carro irritada, porque o outro motorista estacionou perto demais, e depois percebo que a mulher no carro sorri para mim e acena freneticamente com as mãos. Ela gesticula para o Donut Hole, e tenho uma fração de segundo para decidir se devo dar meia-volta para Chicago e esquecer essa história toda. Mas subitamente fico paralisada. Em algum momento da minha vida, meu instinto de lutar ou fugir se transformou em *pare, fique invisível, espere passar*.

Misha Dale. Mais loira, mais gorda, ainda bonita, de seu jeito de cidade pequena. *Sorrindo*. Antigamente eu sonhava com o sorriso dela – do jeito, imagino, como a coridora deve sonhar com o funil longo e escuro da garganta de um tubarão.

Misha aos 12 anos: convencendo todos os amigos a jogar pãezinhos dormidos em mim quando eu andava pelo refeitório. Misha aos 14: colocando o fêmur de um animal em meu armário, alegando que era um dos ossos de minha mãe, cochichando que eu guardava pedaços de cadáver no freezer, um boato que alcançou uma popularidade tão agressiva que o xerife Kahn apareceu para verificar. Aos 15 anos, ela organizou uma campanha para levantar dinheiro para o tratamento de minha acne. Aos 16, divulgou uma petição on-line para que eu fosse suspensa da escola.

Uma sádica de sorriso bonito. Ela, Cora Allen, Annie Baum e Kaycee Mitchell me consumiram durante anos, engordaram e se fortaleceram com minha infelicidade, ficaram em êxtase quando no primeiro ano tentei engolir meio frasco de Advil e tive que passar uma semana no sanatório Mercy para doentes mentais – algo que meu pai se recusava a reconhecer e do qual nunca falamos.

Da próxima vez, vou te ajudar, cochichou Micha para mim no corredor quando finalmente voltei à escola.

Meninas horríveis. Demoníacas.

Ainda assim, eu as invejava.

* * *